

## EDITORIAL

*Se há dois ou mais anos alguém dissesse que o Congresso Nacional aprovaria por 352 votos a favor e 60 contra a lei de biossegurança do país, provavelmente seria taxado como um sonhador. Pois o sonho de quem há muito tempo vinha lutando pela legalização do plantio de transgênicos e pelo fim da perseguição insana à aplicação da tecnologia na lavoura tornou-se realidade.*

*O ambiente hoje nos gabinetes de Brasília e nas ruas das grandes cidades em nada lembra as cenas que constituíram a batalha travada no país em torno do assunto biotecnologia. Longe estão os tempos em que lideranças políticas podiam dizer que os alimentos transgênicos transmitem Aids, representar organismos geneticamente modificados com desenhos de monstros bizarros ou queimar lavouras de soja resistente ao glifosato. Se hoje tais atitudes são impensáveis é porque a razão e a ciência sobrepujaram a ideologia.*

*E se o obscurantismo e o atraso foram derrotados de goleada no Congresso Nacional, os méritos por este resultado podem ser em grande parte atribuídos aos produtores rurais do Rio Grande do Sul. Foi dos campos gaúchos que começaram a se erguer as vozes que mudaram o sentimento geral dos brasileiros com relação à biotecnologia. O protesto tímido dos primeiros produtores que se sentiram prejudicados com a proibição judicial à soja transgênica, o tratoração promovido por milhares de agricultores em Não-Me-Toque, o Fórum Internacional que a Farsul promoveu no Teatro do Sesi para discutir o assunto, a peregrinação dos líderes do sindicalismo rural nos gabinetes de Brasília - o conjunto de todas as mobilizações que os produtores rurais promoveram nos últimos anos foram decisivos para a mudança de clima no país, que resultou na aprovação tranqüila da lei nacional de biossegurança.*

*Se hoje o produtor rural não é mais visto como um criminoso por modernizar sua lavoura, por usar sementes geneticamente modificadas, é porque soube se fazer ouvir e se impor. Com o apoio da comunidade científica, fez o país sair do atraso no que diz respeito à biotecnologia. A Farsul se orgulha de ter sido protagonista deste episódio e parabeniza cada um que batalhou pelo direito de levar os avanços da ciência à plantação. A legalização do plantio de transgênicos é uma vitória para toda a sociedade brasileira, mas tem um valor especial para aqueles que fazem a agricultura gaúcha.*

## A morte da tambeira

Blau Souza \*

Num livro de contos, descrevi os estragos feitos pelos graxains nas caixas de abelhas durante o inverno. Embora o livro fosse de ficção o comportamento dos bichos era real. A diminuição das caçadas e dos cães nas estâncias, o aumento dos matos e a quase ausência de mortes a campo nos rebanhos sadios explicam esses fatos. Predadores em número cada vez maior, diante de uma menor oferta de animais mortos nos campos, evoluem para a fome e provocam comportamentos bizarros e agressivos para saciá-la. Sorros, caranchos e urubus passam a atacar filhotes ou animais fragilizados; os cordeiros recém-nascidos, as ovelhas mal deitadas e tantos outros bichos em situação precária tornam-se vítimas de predadores famintos. Se isso acontece em tempos normais, muito mais ocorre numa seca prolongada como a que atravessamos. Flora e fauna se alteram e a luta pela sobrevivência se instala de uma forma agressiva e até chocante.

Vacas mansas costumam ser mais roceiras e insistentes na busca de pasto verde, essencial para a produção de bom leite. De certa forma, assumem a alimentação de seu terneiro e dos homens que diariamente massageiam suas tetas. Por isso, entendo o fato recém ocorrido nos campos da Salamanca e sua repercussão. Na busca de pasto tenro, a tambeira penetrou num dos poucos mananciais ainda dignos deste nome no meio de campos secos, em que apenas

a chirca, o alecrim e o mio-mio permanecem viçosos, pois até a carqueja está morrendo. O animal avançou confiante em forças que já não tinha e menosprezando os perigos do atoleiro. Não deu outra, terminou atolada até as costelas no tremedal. E lá ficou durante horas, esgotando suas forças numa luta desigual. Foi achada pelos campeiros numa recorrida de campo, trabalho repetido amiúde para revisão de gado, pastagens, aguadas

---

**A inteligência humana talvez não entenda, ou não queira entender, todas as relações entre os seres vivos nem sua dependência da mãe terra, mas sem desejar a extinção dos predadores do campo é necessário que se faça o seu controle.**

---

e, de modo especial, dos atoladouros em tempos de seca e de gado magro. Nem foi tão difícil tirá-la do atoleiro com o auxílio de trator e de pequeno guincho, elementos capazes de poupar homens, cavalos e laços em salvamentos que, às vezes, infringiam lesões novas aos animais arrancados dos brejos. Tudo parecia resolvido e a vaca estava ativa, prevendo-se sua recuperação total em pouco tempo, afinal nem tão magra ela era. Pareceu desnecessário levá-la para perto das casas. Mas chegou a noite e, com ela, novos atores. Uma alcatéia de graxains jovens percorria os campos em busca de comida e de aventura. Diante daquela vaca, trêmula e esgotada, com

dificuldade para manter-se em pé, partiram para a ação. Atacando pela frente, por trás e pelos lados, os sorros logo ficaram de donos da situação. Uma vaca caída nem o rabo consegue agitar e os predadores iniciaram sua ação cravando os dentes afiados nas regiões de couro menos espesso e menos defensáveis. As entranhas da vaca, ainda bem viva, passaram a ser disputadas numa selvageria que aumentava à medida que o sangue a escorrer empapava o pasto seco. A tambeira se esvaía, já com pouca reação, quando chegaram os campeiros para socorrê-la. O auxílio chegou tarde. Olhos baços, cabeça caída, a vaca logo morreu, enquanto ao longe desapareciam os graxains. A natureza, com sua face cruel, escrevia mais uma página no difícil capítulo do controle ambiental. A inteligência humana talvez não entenda, ou não queira entender, todas as relações entre os seres vivos nem sua dependência da mãe terra, mas sem desejar a extinção dos predadores do campo é necessário que se faça o seu controle. A vítima, uma vaca tambeira, tão próxima do homem, fornecedora do leite a seus filhos, torna sua morte tão dramática quanto a da cadela Baleia em *Vidas Secas*. Resta-nos a esperança otimista de secas menos persistentes que as do universo de Graciliano Ramos. De prático, para a gente da Salamanca, diminuiu a ordenha e há mais um guaxo para ocupar homens pesados e abatidos pela falta d'água.

\* Médico e escritor

## EXPEDIENTE



**FARSUL**  
 Presidente:  
 Carlos Rivaci Sperotto  
 Vice-presidente:  
 Francisco Lineu Schardong  
 Diretor Administrativo:  
 Amilton Soares  
 Diretor Financeiro:  
 Jorge Rodrigues

**SENAR-RS**  
 Presidente:  
 Carlos Rivaci Sperotto  
 Superintendente:  
 Gilmar Tietböhl  
 Chefe Divisão Administrativa:  
 Carlos Alberto Schütz  
 Chefe Divisão Técnica:  
 Taylor Favero Guedes

**JORNAL SUL RURAL**  
 Diretor: Décio Rosa Marimon  
 Jornalista responsável:  
 Marcela Duarte  
 Fotos: Luiz Ávila, Emerson  
 Foguinho e arquivo  
 Colaboração: Alessandra Bergmann  
 Circulação Mensal  
 Tiragem: 25.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51)3214.4400  
 Fax - (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170